

“Bater Papo” – origem e evolução de significado da expressão

Jean Lauand¹

Resumo: O artigo procura mostrar a evolução – ao longo de dois séculos – da popularíssima expressão brasileira “Bater Papo”.

Palavras Chave: expressões idiomáticas brasileiras. Evolução de significado. “Bater Papo”.

Abstract: This article intends to show the evolution of meaning – throughout two centuries – of the Brazilian idiom: “Bater Papo”.

Keywords: Brazilian popular sayings. etymology. “Bater Papo”.

Nota prévia: Para a elaboração deste artigo, contamos com uma preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira.

Em seu sentido primitivo, “bater papo” não é conversar. A expressão em seu uso antigo, na imprensa do século XIX – e depois ainda por muito tempo – serve para designar que tal situação me afetou, mexe comigo, não me deixa indiferente e me convoca a uma ação ou reação (talvez agressivas).

Assim, no “Diário de Pernambuco” de 31-12-1880, lemos:

“metti-me em camisa de onze varas [em sérios apuros] mas nem por isso **me bate o papo**”

E “O Carapuceiro”, periódico pernambucano, em sua edição de 7 de maio de 1832 (parece ser a primeira aparição no acervo da BN), fala do farisaísmo de pessoas falsamente religiosas, como a daquele homem que ostenta devoção mas em sua hipocrisia é capaz de matar ou mandar matar e “nem **lhe bate o papo**”: não se abala e nem se altera minimamente ao praticar esse ato horrendo.

É importante notar o uso pronominal, na época, da expressão: me bate, lhe bate... o papo. Ou na forma do possessivo, como no “Diário da Manhã” de Vitória (2-7-1909):

“(vamos para outro assumpto) que hoje **bate o papo meu**”.

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. Membro correspondente da Real Academia de Letras de Barcelona. jeanlaua@usp.br.

Cem anos depois do “Carapuceiro”, em sua edição de 20-5-1936, o “Correio Paulistano” ainda emprega a expressão no sentido de reação veemente, no caso agressiva e verbal. O povo já não se deixa enganar e ante a tentativa de engodo dos políticos:

“o povo olha pra ela com um arzinho de xuxu amorfo, pisca o esquerdo em fá sustenido e **bate o papo**: ‘Ora vá *&%@’”.

Mesmo em 1945, ainda é empregada nesse sentido. O povo reage e se entrega ao falatório. Finda a guerra, havia grande movimento no Recife para dar o nome de uma avenida em homenagem ao presidente Roosevelt, mas o prefeito Etelvino Martins, articulado com o governador Agamenon Magalhães, o “China”, fica enrolando, por razões ideológicas. O “Jornal Pequeno” de 15-8-1945, publica os versinhos satíricos (usando já a expressão “engolir sapo”):

“Por que não dar à avenida / O nome do Presidente?”
Pergunta surpreendida / e intrigada tôda gente
O Prefeito engole o sapo / Mas por que não deu não diz
E o Zé Povo **bate o papo**: / “Foi o China que não quiz...”

Na primeira metade do século XX, é frequente essa variante de sentido, também diferente do nosso atual descontraído “bate papo”: a de ser convocado à ação específica de falar mal (ou até mais...), discutir, bater boca.

E “A Notícia” de Joinville (8-1-1939) referindo-se a uma pesada discussão entre dois torcedores em estádio de futebol, diz: “**Bate papo forte**”.

Também nesse sentido de reação agressiva, “O Combate”, jornal do Maranhão, em sua edição de 3-7-1948 relata:

“(vimos) num **bate papo** estonteante o sr. Ministro da Fazenda engalfinhado com o sr. Ademar de Barros numa luta corporal que tem deixado a opinião pública de boca aberta”.

Ainda no sentido de falar mal dos outros, no carnaval de 1933 em Vitória, o estribilho do “Bloco Bate-Papo” era:

“Bate-Papo!, Bate-Papo!
Meu povo saia da frente!
Nós temos língua de trapo
Falamos de toda gente...”
(Diário da Manhã, 8-2-1933).

Para a formação dos sentidos de falar (maledicente ou de conversa informal) de “bater papo” pode ter contribuído o antigo verbo “papear”. Desde meados do século XX, papear é usado praticamente só como sinônimo do nosso “bater papo”. Mas seu sentido original é: “emitir sons melodiosos (as aves); gorjear, chilrear” (Houaiss, 3.) e, como encontramos no *Diccionario de la Real Academia Española*: “Balbucir, tartamudear, hablar sin sentido”.

O mesmo DRAE indica que se trata de palavra onomatopaica: o “papapá papapá papapá...” das aves, bebês etc., sem relação com o papo, propriamente dito. É claro que papear se presta a metáforas como “falar muito, tagarelar” (Houaiss, 2.) e “hablar sin sentido” (DRAE).

Assim, um artigo de 23-3-1839 de “O Carapuceiro”, referindo-se à novidade de moças que se graduam “nas Sciencias Juridicas e Sociaes” etc., lamenta (com um absurdo machismo, ainda remanescente hoje em dia...!) a sorte dos maridos de mulher:

“que em vez de cuidar no arranjo da casa, em coser, remendar etc. etc., desbarata o precioso tempo em papear sobre assumptos políticos”.

E a “Gazeta dos Tribunaes”, de 1-8-1845, menciona o saber de certo parlamentar, que não é estéril e “sua eloquência não é o papear dos insensatos”.

A coexistência dos três sentidos (impulsionar a agir, falar mal ou bate boca, e conversa descontraída) dá-se na primeira metade do século XX, com crescente predominância do sentido, tão simpático, que hoje tem a expressão. Em 1946 (29-8), ainda encontramos um dos últimos usos em sentidos vigentes no passado: o “Jornal Pequeno” (“o grande jornal do Nordeste”) publica uma crônica na qual o autor se queixa do transporte para sua casa, ainda no primitivo sentido do século XIX: o bonde não funciona, a lotação é cara etc. e “ônibus não **me bate o papo**” (não me motiva, não me interessa). E no mesmo ano de 1946, na famosa revista “O Cruzeiro” (28-12-1946) Rachel de Queiroz vale-se de adjetivação para comentar com o primo saudosista:

“como é bom um bate papo **inocente** [e não agressivo] na farmácia ou no botequim”.

Mas já antes, encontramos o sentido atual, plenamente vigente. Um exemplo entre inúmeros: “O Imparcial”, do Rio de Janeiro, de 4-8-1935, informa que a reunião da diretoria dos escoteiros terminou “com o costumeiro **bate papo** na leiteria do Largo do Machado” (pode haver algo mais inofensivo do que reunião de escoteiros para tomar leite?).

Mas por que, afinal, se diz “**bater** o papo”? A pista decisiva para a resposta está nos versos de Silva Andrade, famoso poeta paraibano, em seu clássico livro “Brasil Caboclo”, recolhidos em 1937 na revista “Fon Fon”:

Quando meus óio ti vê
meu coração dá supapo
começa logo a batê
cumo o sapo bate o papo

E é que a origem da expressão se torna ininteligível se tomamos “bater” no sentido de aplicar pancadas, sorrar. Mas, claramente (em seu sentido originário) trata-se de bater, entendido como pulsar, palpitar, como na imortal “Carinhoso” de Pixinguinha: “Meu coração, não sei porque, bate feliz quando te vê”.

Tal como no sapo, os veementes desejos e as atrações se manifestam no bater do papo (expressos de vigoroso modo sonoro por seu saco vocal, o papo): “meu coração começa a batê como o sapo bate o papo”. Depois passou a significar também falar mal, para, finalmente, consolidar-se somente como falar em conversa informal e despreziosa.

Recebido para publicação em 12-06-23; aceito em 24-07-23